

CELEBRAR



Antônio Menezes

VISÃO DETURPADA

O líder Marcos Terena disse no ato de abertura da Semana do Índio que o relógio montado na praça do Congresso "é coisa de branco" e representa uma visão histórica deturpada do descobrimento do Brasil; para ele, a luta pela liberdade continua

ÍNDIOS

ROTEIRO DOS 500 ANOS DEVE LEMBRAR OS 700 POVOS MASSACRADOS NO PAÍS

PÉTALAS DE CRAVOS COBRIRAM O MONUMENTO DO RÉLOGIO DA PRAÇA DO CONGRESSO, EM MEMÓRIA AOS 700 POVOS DESAPARECIDOS DESDE A CHEGADA DOS PORTUGUESES

ANA CELIA OSSAME

Os índios querem dar o tom da comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil, fazendo com que a data não se restrinja às festas promovidas pelos brancos. A primeira iniciativa foi tomada ontem, durante

a abertura da Semana do Índio no Amazonas, na praça do Congresso, Centro (Zona Centro-Sul).

Junto a estudantes do Instituto de Educação do Amazonas (IEA), o líder indígena Marcos Terena, 40, despetalou cravos sobre o monumento do relógio instalado na praça para marcar os dias que faltam para completar os cinco séculos do descobrimento. O gesto foi feito em memória aos 700 povos que desapareceram desde a chegada dos portugueses ao Brasil.

Para Marcos Terena, o relógio não significa nada para os índios, pois é uma iniciativa dos brancos e se relaciona à visão destes sobre os 500 anos da descobrimento.

A experiência de mais de 20 anos na luta pela organização dos povos indígenas o ensina, no entanto, a não perder a oportunidade para usar o monumento e reafirmar que

a luta pelos povos continua valendo nos dias de hoje. "Estamos aqui porque queremos uma convivência pacífica e o respeito aos nossos direitos de ter nossa terra, nossa língua e nossa cultura", afirmou ele a uma platéia de estudantes do curso do magistério do IEA.

Em vários estados onde estão instalados relógios marcando os dias para o descobrimento, haverá eventos com a participação das lideranças indígenas. Terena anunciou, para o próximo dia 19, quando se comemora o Dia do Índio, o lançamento da Agenda 21, proposta para debater os problemas indígenas do País e no dia 25, a inauguração de uma aldeia na Esplanada do Ministério. Na Bahia, durante a festa na cidade de Porto Seguro, no dia 21, os índios vão juntar-se aos negros e artistas. "Queremos que a data não seja

uma simples comemoração, mas principalmente, momento para reafirmação da nossa cultura, do direito à demarcação das terras e do exercício da espiritualidade".

Na praça do Congresso, o índio tucano Gabriel Gentil apresentou o "Ritual do sopro", que foi feito sob protesto porque ele foi impedido de usar a erva da maconha, chamada pelos índios de ipadu. "A Polícia Federal e a Igreja nos proibem de fazer o ritual, em mais um desrespeito à nossa cultura, mas vou usar a palavra para o ritual xamani, que é o sopro de bons presságios", afirmou.

Usando as mãos, ele fez o sopro, emitindo sons que, segundo explicou, não significavam feitiço, como quer fazer entender a Igreja Católica, mas uma manifestação da cultura espiritual do povo tucano.

Líderes exigem demarcação de terras

A demarcação das terras de 30% dos 215 povos indígenas existentes ainda no Brasil continua sendo o primeiro item na pauta de reivindicação, mas juntamente com essa luta há um trabalho de bastidores para o qual as lideranças estão atentas. "Vamos às escolas dos brancos conversar com os estudantes, para mudar o conceito da sociedade sobre nós. Eles aprenderam a nos ver como pobres coitados e pecadores, mas não somos pobres, nós é que

guardamos o patrimônio da floresta para assegurar o futuro do País", afirmou Marcos Terena.

A primeira tese defendida por ele é a de que o Brasil não foi descoberto pelos brancos. "Nós já estávamos aqui antes", explica ele, para contabilizar as perdas para os índios ao entrar em contato com o branco. Nas contas do líder, havia 4 milhões de índios há 500 anos, que foram massacrados à cada contato com o branco. "Hoje, essa história pode ser escri-

ta com outras letras", afirma ele, convicto de poder mudar a realidade organizando e conscientizando não só os nativos, mas principalmente a sociedade branca. "Essa relação empobreceu os índios, que não tiveram chance de se defender", assegura.

A luta implica em garantir a demarcação e o respeito a ela, mas também ao direito de uma escola diferenciada, onde o "a-bê-cê" não seja necessariamente com essas letras. "Lutamos por uma escola

diferenciada, onde se aprenda tecnologia para enfrentarmos os tempos modernos", observa Terena.

Para ele, isso é importante porque agora os índios não podem mais viver da caça e da pesca. "Temos que capacitá-los a viver com alternativas à pesca e à caça".

Marcos Terena afirma que, durante muitos anos, os índios não tiveram voz porque as organizações não-governamentais (ONGs) tomaram para si o direito de falar por eles.

Terena lança livro

Histórias que dão para rir e para chorar, do índio que para sobreviver no meio dos brancos dizia ser japonês, estão no livro "O Índio Aviador", lançado ontem, às 17h, na Livraria Valer. De autoria de Marcos Terena, o primeiro e único índio a ter brevê de piloto, e da jornalista Ateneia Feijó, o livro é de ficção, mas inspirado em fatos reais. Relata desde os primeiros contatos de Terena com os brancos até os massacres e lutas empreendidas por ele.

Nascido em Taunay, no Mato Grosso do Sul, Marcos Terena orgulha-se de jamais ter baixado a cabeça nos 20 anos em que está envolvido na luta pela causa indígena. Ele foi um dos fundadores da Organização das Nações Indígenas, organizou o Comitê Intertribal 500 Anos de Resistência e idealizou a aldeia Kari-Oca, construída no Rio de Janeiro, para a realização da primeira Conferência Mundial dos Povos Indígenas.

Estudantes apóiam

Depois de ouvir o discurso de Marcos Terena e com ele despetalando os cravos aos pés do monumento dos 500 anos do descobrimento, a estudante Roberta Lunière, 17, que cursa o 2º ano de magistério no IEA, sentiu-se emocionada. "É verdade que temos uma dívida com eles, pois nós é que somos os invasores da terra que era deles", constatou.

Roberta solidarizou-se com o índio Gabriel Gentil, no protesto que ele fez por não poder usar o ipadu no ritual do sopro. "Eles têm direito de viver de acordo com a cultura e as tradições deles. O branco não pode mais ter direito de limitá-los", afirmou, assinalando ainda que achou importante a realização do evento, em memória dos índios que foram mortos. "Nós temos a chance de aprender uma nova visão dos índios, diferente da que a escola ensinava há alguns anos".

Outra estudante que participou do ato, Cristina Carvalho, 20, também da 2ª de magistério, lembrou que apesar de todo o mal causado pelos brancos, os índios ainda conseguem unir-se a eles para passar uma mensagem de esperança e de união.

Paula Raquel dos Santos, 18, do mes-

mo curso, considera importante a reafirmação da posse da terra brasileira para destacar a necessidade de se respeitar os direitos dos povos indígenas. "Eles estavam aqui primeiro e não podem ficar implorando para ter direito à terra", finalizou.

Terena foi o único a discursar na Organização das Nações Unidas (ONU) durante a 2ª Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), em nome das organizações indígenas dos cinco continentes.

Do sonho de cruzar os céus até tornar-se uma referência nacional e internacional na causa indígena, Terena guarda sempre o primeiro conselho, dado pelo avô, ainda na aldeia: "Ele me ensinou que um jovem forte e musculoso não será nada se não fortalecer seu espírito e possuir força e sabedoria, para aprender a caminhar com as próprias pernas e ser amado e respeitado, inclusive pelos inimigos".

Na apresentação, ele diz esperar que o livro seja um elo de dignidade e respeito entre o índio e o branco, para poder deixar a timidez de brasileiros e afirmar aos quatro ventos: "Vale a pena ser índio porque vale a pena ser Brasil".

POPULAÇÃO INDÍGENA

Em 1500 havia 700 povos indígenas no Brasil, somando 4 milhões de pessoas.

Em 1999 há no Brasil 215 povos indígenas, que ocupam 11% do território brasileiro, num total de 315 mil indivíduos.

Desses, 70% têm a terra demarcada, mas muitas vezes os limites não são respeitados.